

TEXTO COLONIAL LATINOAMERICANO E O

passado em conflito:



renarrar,
reinterpretar e
reconstruir a
memória

leitura literária comparada para ensino médio:

JÉSSICA LINHARES

BLOCO 1

Leitura e discussão de textos disparadores

1

Durante uma verdadeira pesquisa psico-sociológica concebida segundo os princípios mais modernos, submeteram-se os colonos a um questionário destinado a saber se, na sua opinião, os índios eram ou não "capazes de viver por si mesmos, como os camponeses de Castela". Todas as respostas foram negativas: "A rigor, talvez, seus netos; ainda assim, os indígenas são tão profundamente viciosos que a dúvida é cabível, eis a prova: eles fogem dos espanhóis, recusam trabalhar sem remuneração, mas levam a perversidade ao ponto de fazer presente dos seus bens; (...) E como conclusão unanime: "É melhor para os índios tornarem-se homens escravos do que continuarem animais livres... " (...) "eles comem carne humana, não tem justiça; andam nus, comem pulgas, aranhas e vermes crus... eles não têm barba e, se por acaso ela cresce, apressam-se em depilar-se"

(...)No mesmo momento, de resto, e numa ilha vizinha (Porto Rico, segundo o testemunho de Oviedo), os índios cuidavam de capturar os brancos e fazê-los perecer por imersão, depois montavam guarda durante semanas em torno dos afogados, a fim de saber se eram ou não sujeitos à putrefação. Dessa comparação entre os inquéritos, tiram-se duas conclusões: os brancos invocavam as ciências sociais, enquanto os índios tinham antes confiança nas ciências naturais; e, enquanto os brancos proclamavam que os índios eram animais, os segundos se contentavam com desconfiar que os primeiros eram deuses. Em igualdade de ignorância, o último procedimento era certamente mais digno de homens.

Tristes Trópicos, C. Levi Strauss (1957)



2



“Eu espero não agredir com a minha manifestação o protocolo desta casa. Mas eu acredito que os senhores não poderão ficar omissos, os senhores não terão como ficar alheios a mais essa agressão movida pelo poder econômico, pela ganância, pela ignorância do que significa ser um povo indígena. Povo indígena tem um jeito de pensar, tem um jeito de viver. Tem condições fundamentais para sua existência e para a manifestação da sua tradição, da sua vida e da sua cultura que não coloca em risco e nunca colocaram a existência sequer dos animais que vivem ao redor das áreas indígenas, quanto mais de outros seres humanos. Eu creio que nenhum dos senhores nunca poderia apontar atos, atitudes da gente indígena do Brasil que colocaram em risco seja a vida, seja o patrimônio de qualquer pessoa, de qualquer grupo humano nesse país. E hoje nós somos alvo de uma agressão que pretende atingir na essência a nossa fé, a nossa confiança de que ainda existe dignidade, de que ainda é possível construir uma sociedade que sabe respeitar os mais fracos, que sabe respeitar aqueles que não têm o dinheiro para manter uma campanha incessante de difamação. Que saiba respeitar um povo que sempre viveu à revelia de todas as riquezas. Um povo que habita casas cobertas de palha, que dorme em esteiras no chão, não deve ser identificado de jeito nenhum como um povo que é inimigo dos interesses do Brasil, inimigo dos interesses da nação, e que coloca em risco qualquer desenvolvimento. O povo indígena tem regado com sangue cada hectare dos oito milhões de quilômetros quadrados do Brasil. E os senhores são testemunha disso. Eu agradeço a presidência desta casa, agradeço os senhores e espero não ter agredido com as minhas palavras os sentimentos dos senhores que se encontram nesta casa.”

Transcrição da fala de Ailton Krenak (escritor, filósofo, ambientalista e líder indígena) na Assembleia Constituinte de 1987.



**a partir da leitura dos textos disparadores,
debata com colegas e professores:**

- No texto 1, o que podemos afirmar sobre a forma como os europeus enxergavam aos nativos e os nativos aos europeus nos primeiros contatos entre essas diferentes culturas?
- O que os indígenas procuravam saber sobre os europeus por meio da putrefação? O que isso mostra sobre seus modos de entender o mundo?
- Por que o narrador associa as ciências naturais aos povos nativos e as ciências sociais aos europeus?
- A partir dos elementos do texto, é possível imaginar quem seria o autor de Tristes Tópicos? Isto é, supor de onde ele é e a qual grupo étnico pertence? Qual o percurso imaginativo que nos leva a essa resposta?
- Enquanto os europeus tinham uma visão animalizada dos indígenas e buscavam saber se eles tinham alma, os indígenas buscavam entender qual era a corporalidade dos europeus. Qual a opinião do Levi-Strauss a respeito dessas diferentes visões de mundo?
- Quais as diferenças contextos históricos e linguísticos do texto 1 e 2?
- O que Ailton Krenak reivindica na sua fala? Vestido com roupa social, Ailton Krenak faz a sua fala pintando o rosto. Como podemos entender essa manifestação?
- Krenak fala de uma “agressão movida (...) pela ignorância do que significa ser um povo indígena”. Como podemos relacionar essa fala com as falas do primeiro texto acerca dos povos indígenas?
- Por que Ailton Krenak reitera o fato de que as atitudes dos indígenas não colocam em risco nenhuma vida e a que outras posições ele quer se contrapor com essa fala?
- “Povo indígena tem um jeito de pensar, tem um jeito de viver. Tem condições fundamentais para sua existência e para a manifestação da sua tradição, da sua vida e da sua cultura”. O que você conhece de cultura, tradição e formas de pensamento indígena?



BLOCO 2

Diálogos literários

narrativas do contato: europeus e povos nativos

TEXTO 1:

Carta a Pero Vaz de Caminha

Dirigida a Dom Manuel I - Rei de Portugal

1.

Senhor:

Posto que o Capitão-mor desta vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a nova do achamento desta vossa terra nova, que ora nesta navegação se achou, não deixarei também de dar disso minha conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder, ainda que — para o bem contar e falar — o saiba pior que todos fazer.

Tome Vossa Alteza, porém, minha ignorância por boa vontade, e creia bem por certo que, para aformosear nem afear, não porei aqui mais do que aquilo que vi e me pareceu.

(...) topamos alguns sinais de terra, os quais eram muita quantidade de ervas compridas, a que os mareantes chamam botelho, assim como outras a que dão o nome de rabo-de-asno. E quarta-feira seguinte, pela manhã, topamos aves a que chamam fura-buxos. Neste dia, a horas de véspera, houvemos vista de terra! Primeiramente dum grande monte, mui alto e redondo; e doutras serras mais baixas ao sul dele; e de terra chã, com grandes arvoredos: ao monte alto o capitão pôs nome - o Monte Pascoal e à terra - a Terra da Vera Cruz. Mandou lançar o prumo. (...) Ali permanecemos toda aquela noite. E à quinta-feira, pela manhã, fizemos vela e seguimos em direitos à terra, indo os navios pequenos diante, por dezessete, dezesseis, quinze, catorze, treze, doze, dez e nove braças, até meia légua da terra, onde todos lançamos âncoras em frente à boca de um rio. E chegaríamos a esta ancoragem às dez horas pouco mais ou menos. (...) E tanto que ele começou de ir para lá, acudiram pela praia homens, quando aos dois, quando aos três, de maneira que, ao chegar o batel à boca do rio, já ali havia dezoito ou vinte homens. Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Nas mãos traziam arcos com suas setas. Vinham todos rijos sobre o batel; e Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os pousaram. Ali não pôde deles haver fala, nem entendimento de proveito, por o mar quebrar na costa.

2.

Ao domingo de Pascoela pela manhã, determinou o Capitão de ir ouvir missa e pregação naquele ilhéu. Mandou a todos os capitães que se aprestassem nos batéis e fossem com ele. E assim foi feito. (...) Ali era com o Capitão a bandeira de Cristo, com que saiu de Belém, a qual esteve sempre levantada, da parte do Evangelho. Acabada a missa, desvestiu-se o padre e subiu a uma cadeira alta; e nós todos lançados por essa areia. E pregou uma solene e proveitosa pregação da história do Evangelho, ao fim da qual tratou da nossa vinda e do achamento desta terra, conformando-se com o sinal da Cruz, sob cuja obediência viemos, o que foi muito a propósito e fez muita devoção. Enquanto estivemos à missa e à pregação, seria na praia outra tanta gente, pouco mais ou menos como a de ontem, com seus arcos e setas, a qual andava folgando. E olhando-nos, sentaram-se. E, depois de acabada a missa, assentados nós à pregação, levantaram-se muitos deles, tangeram corno ou buzina, e começaram a saltar e dançar um pedaço.

3.

Traziam alguns deles arcos e setas, que todos trocaram por carapuças ou por qualquer coisa que lhes davam. Comiam conosco do que lhes dávamos. Bebiam alguns deles vinho; outros o não podiam beber. Mas parece-me, que se lho avezarem, o beberão de boa vontade. Andavam todos tão dispostos, tão bem-feitos e galantes com suas tinturas, que pareciam bem. Acarretavam dessa lenha, quanta podiam, com mui boa vontade, e levavam-na aos batéis. Andavam já mais mansos e seguros entre nós, do que nós andávamos entre eles.

4.

Quando saímos do batel, disse o Capitão que seria bom irmos direitos à Cruz, que estava encostada a uma árvore, junto com o rio, para se erguer amanhã, que é sexta-feira, e que nos puséssemos todos de joelhos e a beijássemos para eles verem o acatamento que lhe tínhamos. E assim fizemos. A esses dez ou doze que aí estavam, acenaram-lhe que fizessem assim, e foram logo todos beijá-la. Parece-me gente de tal inocência que, se homem os entendesse e eles a nós, seriam logo cristãos, porque eles, segundo parece, não têm, nem entendem em nenhuma crença. E portanto, se os degredados, que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa intenção de Vossa Alteza, se hão de fazer cristãos e crer em nossa santa fé, à qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque, certo, esta gente é boa e de boa simplicidade. E imprimir-se-á ligeiramente neles qualquer cunho, que lhes quizerem dar. (...) Eles não lavram, nem criam. Não há aqui boi, nem vaca, nem cabra, nem ovelha, nem galinha, nem qualquer outra alimária, que costumada seja ao viver dos homens. Nem comem senão desse inhame, que aqui há muito, e dessa semente e frutos, que a terra e as árvores de si lançam. E com isto andam tais e tão rijos e tão nédios, que o não somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos. Neste dia, enquanto ali andaram, dançaram e bailaram sempre com os nossos, ao som dum tamboril dos nossos, em maneira que são muito mais nossos amigos que nós seus.

Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque, a estender olhos, não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia muito longa. Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados como os de Entre Douro e Minho, porque neste tempo de agora os achávamos como os de lá. Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem. Porém o melhor fruto, que nela se pode fazer, me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar. E que aí não houvesse mais que ter aqui esta pousada para esta navegação de Calecute, bastaria. Quando mais disposição para se nela cumprir e fazer o que Vossa Alteza tanto deseja, a saber, acrescentamento da nossa santa fé. E nesta maneira, Senhor, dou aqui a Vossa Alteza do que nesta vossa terra vi. E, se algum pouco me alonguei, Ela me perdoe, que o desejo que tinha, de Vos tudo dizer, me fez assim pôr pelo miúdo.

EXERCÍCIO

O texto que acabamos de ler se trata do primeiro documento formal sobre a colonização do Brasil. O objetivo da carta é relatar ao Rei de Portugal a experiência da chegada e dos primeiros contatos entre portugueses e nativos. Para isso, o autor narra, descreve e tenta contemplar com detalhes o território e a gente que ali se encontra, se valendo de definições e comparações acerca do que considera abundante, fértil, exótico, diferente.

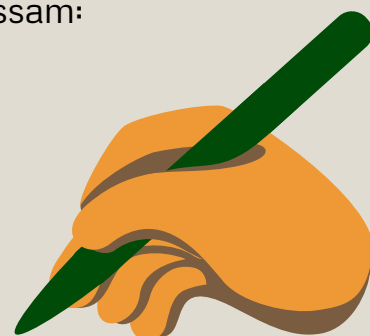
Embora se trate de um documento histórico, é importante se atentar ao fato de que todos estes recursos textuais (a narrativa, a descrição, as definições e comparações) são mobilizados para o convencimento, isto é, para que o Rei tenha uma ideia positiva da viagem, da chegada e do encontro, e chegue à conclusão de que vale a pena habitar e explorar aquela terra.

Responda ao que se pede levando em conta o interlocutor e as estratégias narrativas mobilizadas pelo escrivão:

1. O relato de Pero Vaz de Caminha não se dá de forma completamente precisa. Diante disso, encontre no texto elementos que expressam:

a) marcas de incertezas

b) intenção de objetividade e clareza



2. O autor indica sua reverência para com a figura do Rei, tratado respeitosamente como “Vossa Alteza” e “Senhor”. Por que a linguagem empregada para tratamento do interlocutor é importante?

3. No trecho 1 o autor se compromete em relatar os fatos com veracidade e ao mesmo tempo deixa explícita certa insegurança no “bem contar e falar”. Sabendo que não há resposta incorreta para esta pergunta, pensando através de uma retórica da descoberta, argumente: a Carta de Pero Vaz de Caminha deve ser lido como um documento histórico ou como um texto literário?



TEXTO 2:

Primera Carta de Cristóbal Colón

Dirigida a Luis de Santángel - financista de Colón e escrivão de Razão

1.

Cuando yo llegué a la Juana, seguí yo la costa de ella al poniente, y la fallé tan grande que pensé que sería tierra firme, la provincia de Catayo. Y como no hallé así villas y lugares en la costa de la mar, salvo pequeñas poblaciones, con la gente de las cuales no podía haber habla, porque luego huían todos, andaba yo adelante por el dicho camino, pensando de no errar grandes ciudades o villas; (...)

(...) La gente de esta isla y de todas las otras que he hallado y he habido noticia, andan todos desnudos, hombres y mujeres, así como sus madres los paren, aunque algunas mujeres se cobijan un solo lugar con una hoja de hierba o una cofia de algodón que para ellos hacen. Ellos no tienen hierro, ni acero, ni armas, ni son para ello, no porque no sea gente bien dispuesta y de hermosa estatura, salvo que son muy temeroso a maravilla. No tienen otras armas salvo las armas de las cañas, cuando están con la simiente, a la cual ponen al cabo un palillo agudo; y no osan usar de aquellas; que muchas veces me ha acaecido enviar a tierra dos o tres hombres a alguna villa, para haber habla, y salir a ellos de ellos sin número; y después que los veían llegar huían, a no aguardar padre a hijo; y esto no porque a ninguno se haya hecho mal, antes, a todo cabo adonde yo haya estado y podido haber fabla, les he dado de todo lo que tenía, así paño como otras cosas muchas, sin recibir por ello cosa alguna; mas son así temerosos sin remedio. Verdad es que, después que se aseguran y pierden este miedo, ellos son tanto sin engaño y tan liberales de lo que tienen, que no lo creería sino el que lo viese. Ellos de cosa que tengan, pidiédosela, jamás dicen de no; antes, convidan la persona con ello, y muestran tanto amor que darían los corazones, y, quieren sea cosa de valor, quien sea de poco precio, luego por cualquiera cosica, de cualquiera manera que sea que se le dé, por ello se van contentos.

Yo defendí que no se les diesen cosas tan civiles como pedazos de escudillas rotas, y pedazos de vidrio roto, y cabos de agujetas aunque, cuando ellos esto podían llegar, les parecía haber la mejor joya del mundo; que se acertó haber un marinero, por una agujeta, de oro peso de dos castellanos y medio; y otros, de otras cosas que muy menos valían, mucho más; ya por blancas nuevas daban por ellas todo cuanto tenían, aunque fuesen dos ni tres castellanos de oro, o una arroba o dos de algodón hilado. Hasta los pedazos de los arcos rotos, de las pipas tomaban, y daban lo que tenían como bestias; así que me pareció mal, y yo lo defendí, y daba yo gracias mil cosas buenas, que yo llevaba, porque tomen amor, y allende de esto se hagan cristianos, y se inclinen al amor y servicio de Sus Altezas y de toda la nación castellana, y procuren de ayuntar y nos dar de las cosas que tienen en abundancia, que nos son necesarias. Y no conocían ninguna seta ni idolatría salvo que todos creen que las fuerzas y el bien es en el cielo, y creían muy firme que yo con estos navíos y gente venía del cielo, y en tal catamiento me recibían en todo cabo, después de haber perdido el miedo. Y esto no procede porque sean ignorantes, y salvo de muy sutil ingenio y hombres que navegan todas aquellas mares, que es maravilla la buena cuenta que ellos dan que de todo; salvo porque nunca vieron gente vestida ni semejantes navíos.

Y luego que llegué a Indias, en la primera isla que hallé tomé por fuerza algunos de ellos, para que deprendiesen y me diesen noticia de lo que había en aquellas partes, así fue que luego entendieron, y nos a ellos, cuando por lengua o señas; y estos han aprovechado mucho. Hoy en día los traigo que siempre están de propósito que vengo del cielo, por mucha conversación que hayan habido conmigo; y éstos eran los primeros a pronunciarlo adonde yo llegaba, y los otros andaban corriendo de casa en casa y a las villas cercanas con voces altas: venid, venid a ver la gente del cielo; así, todos, hombres como mujeres, después de haber el corazón seguro de nos, venían que no quedaban grande ni pequeño, y todos traían algo de comer y de beber, que daban con un amor maravilloso. (...)

2.

En todas estas islas no vi mucha diversidad de la hechura de la gente, ni en las costumbres ni en la lengua; salvo que todos se entienden, que es cosa muy singular para lo que espero que determinaran Sus Altezas para la conversión de ellos a nuestra santa fe, a la cual son muy dispuestos.(...)he tomado posesión de una villa grande, a la cual puse nombre la villa de Navidad; y en ella he hecho fuerza y fortaleza, que ya a estas horas estará del todo acabada, y he dejado en ella gente que abasta para semejante hecho, con armas y artillerías y vituallas por más de un año, y fusta, y maestro de la mar en todas artes para hacer otras, y grande amistad con el rey de aquella tierra, en tanto grado, que se preciaba de me llamar y tener por hermano, y, aunque le mudase la voluntad a ofender esta gente, él ni los suyos no saben que sean armas, y andan desnudos, como ya he dicho, y son los más temerosos que hay en el mundo; así que solamente la gente que allá queda es para destruir toda aquella tierra; y es isla sin peligros de sus personas, sabiéndose regir.

En todas estas islas me parece que todos los hombres sean contentos con una mujer, y a su mayoral o rey dan hasta veinte. Las mujeres me parece que trabajan más que los hombres. Ni he podido entender si tienen bienes propios; que me pareció ver que aquello que uno tenía todos hacían parte, en especial de las cosas comederas.

En estas islas hasta aquí no he hallado hombres monstruosos, como muchos pensaban, mas antes es toda gente de muy lindo acatamiento, ni son negros como en Guinea, salvo con sus cabellos correndíos, y no se crían adonde hay ímpeto demasiado de los rayos solares; es verdad que el sol tiene allí gran fuerza, puesto que es distante de la línea equinoccial veinte y seis grados. En estas islas, adonde hay montañas grandes, allí tenía fuerza el frío este invierno; mas ellos lo sufren por la costumbre, y con la ayuda de las viandas que comen con especias muchas y muy calientes en demasía.

3.

Así que monstruos no he hallado, ni noticia, salvo de una isla Quaris, la segunda a la entrada de las Indias, que es poblada de una gente que tienen en todas las islas por muy feroces, los cuales comen carne humana. Estos tienen muchas canoas, con las cuales corren todas las islas de India, y roban y toman cuanto pueden; ellos no son más deformes que los otros, salvo que tienen costumbre de traer los cabellos largos como mujeres, y usan arcos y flechas de las mismas armas de cañas, con un palillo al cabo, por defecto de hierro que no tienen. Son feroces entre estos otros pueblos que son en demasiado grado cobardes, mas yo no los tengo en nada más que a los otros. Estos son aquéllos que tratan con las mujeres de Matinino, que es la primera isla, partiendo de España para las Indias, que se halla en la cual no hay hombre ninguno. Ellas no usan ejercicio femenino, salvo arcos y flechas, como los sobredichos, de cañas, y se arman y cobijan con launes de arambre, de que tienen mucho.

Otra isla hay, me aseguran mayor que la Española, en que las personas no tienen ningún cabello. En ésta hay oro sin cuento, y de ésta y de las otras traigo conmigo Indios para testimonio. (...)

EXERCÍCIO

1. Diferentemente de Caminha, cuja função na armada de Pedro Álvares Cabral era a de escrivão, a missão de Cristóbal Colón era de liderança. Comparando a primeira e a segunda carta, explique como as diferenças nos cargos de quem escreve (e considerando a quem dirigem-se) influenciam o texto e as estratégias narrativas.
2. Nas duas cartas há um "eu" e um "outro". Quais semelhanças e diferenças você identifica entre eles?

Releia os excertos:

"Parece-me gente de tal inocência que, se homem os entendesse e eles a nós, seriam logo cristãos, porque eles, segundo parece, não têm, nem entendem em nenhuma crença."

Pero Vaz de Caminha

"traigo que siempre están de propósito que vengo del cielo, por mucha conversación que hayan habido conmigo; y éstos eran los primeros a pronunciarlo adonde yo llegaba, y los otros andaban corriendo de casa en casa y a las villas cercanas con voces altas: venid, venid a ver la gente del cielo;"

Cristóbal Colón

Responda:

3. Como o cristianismo influencia a compreensão acerca da religiosidade dos nativos?



BLOCO 3

Leitura e discussão de textos sensibilizadores



1

“A escrita não é o saber, a escrita é a fotografia do saber. Saber é algo que está em nós.”

Amadou Hampâté Bâ
sobre tradição oral.

2

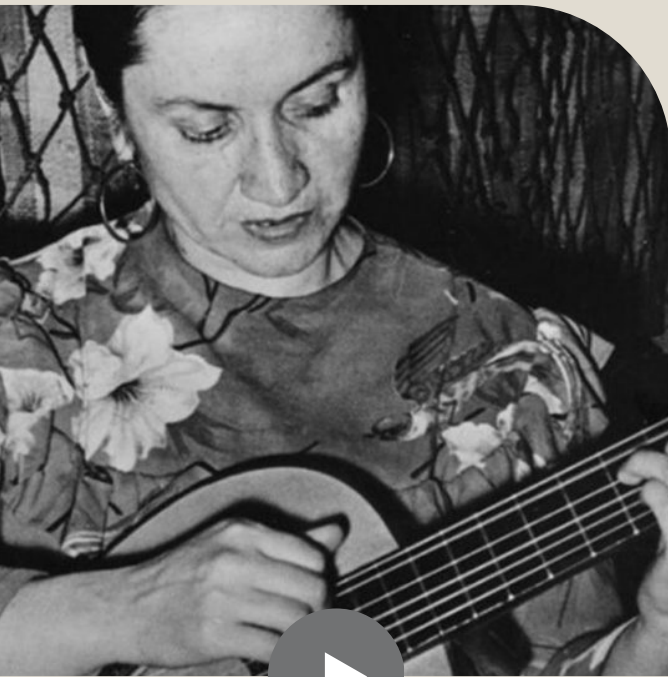
Para povos que são de origem sem escrita, de tradição oral, fazer uma travessia para esse mundo da escrita, só isso já é um épico. E ele deve ocultar trilhas insondáveis de alienação dessas identidades até chegar nesse patamar da escrita e lidar com o recurso da escrita com familiaridade. É bom não esquecer que os jesuítas vieram para cá para botar escolas e catequizar os índios e ensiná-los a ler e escrever. Enquanto os índios puderam resistir, não aprenderam nem a ler e escrever. Então, seria interessante a gente investigar se quando os índios estão lendo e escrevendo eles já se renderam, ou ainda estão resistindo.

Ailton Krenak

Em entrevista no canal Itaú.

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=LEw7n-v6gZA>





ARAUCO TIENE UNA PENA

Violeta Parra

/.../ Un día llega de lejos
Huescufo conquistador,
buscando montañas de oro,
que el indio nunca buscó,
al indio le basta el oro
que le relumbra del sol.
Levántate, Curimón

Entonces corre la sangre,
no sabe el indio qué hacer,
le van a quitar su tierra,
la tiene que defender,
el indio se cae muerto,
y el afuerino de pie.
Levántate, Manquilef.

/.../ Del año mil cuatrocientos
que el indio afligido está,
a la sombra de su ruca
lo pueden ver lloriquear,
total de cinco siglos
nunca se habrá de secar.
Levántate, Callupán.

Arauco tiene una pena
más negra que su chamal,
ya no son los españoles
los que los hacen llorar,
hoy son los propios chilenos
los que les quitan su pan.
Levántate, Pailahuán./.../

https://www.youtube.com/watch?v=oiHWgl1M_FU



Chile. 25 de outubro de 2019.

Foto de Susana Hidalgo.

Bandeira Mapuche no topo de estátua militar em Santiago, símbolo dos protestos por reformas sociais.

EXERCÍCIO DE REESCRITA



Sabemos muito pouco sobre o que os nativos pensaram e sentiram no século XVI com a chegada dos europeus. As cartas que lemos formularam a base de nossa História, mas numa vertente que interpreta o passado segundo os valores de quem as escreveu. Você já deve ter ouvido falar sobre "descobrimento" do Brasil e "conquista" da América. Mas será que essas ideias são as melhores para definir os fatos?

Até aqui vimos que essas representações não incluem a perspectiva dos povos indígenas sobre a colonização. Então, para pensar para além de um único ponto de vista, precisamos estabelecer diferentes pontos de vistas e ampliar nossas referências pelas quais os acontecimentos históricos são interpretados.

Se os povos nativos pudessem relatar, a seu modo, a chegada dos colonizadores (tal qual Pero Vaz de Caminha e Cristóbal Colón), o que eles diriam? Que canal usariam para contar essa história?

Para respondermos a essa pergunta, a literatura pode ajudar:

Escolha uma das cartas lidas e elabore a partir delas um texto narrativo ficcional sobre a chegada dos europeus, mas desta vez, sob o ponto de vista dos povos originários.

Lembre-se:
você está diante de um desafio imaginativo que exige bastante de nossa sensibilidade e, sobretudo, do nosso cuidado e respeito para com o outro.

NA CAPA:



Primeira Missa no Brasil (1860), Victor Meirelles.



Primeiras homenagens a Colombo no Novo Mundo (1892), José Garnelo y Alda.

NAS IDEIAS:

- Ginzburg, Jaime. ***A perspectiva do colonizador: notas sobre a carta de Pero Vaz de Caminha***. Revista Literatura em Debate, v. 4, n. 6, p. 271-275. 2010.
- Levi-Strauss, Claude. ***Tristes Tópicos***. Editora Anhembi. São Paulo. 1957.
- Rivera Garza, Cristina. ***Había mucha neblina o humo o no sé qué***. Buenos Aires, Literatura Random House, 2017.
_____. “Desapropiadamente: escribir entre/para los muertos” em ***Los muertos indóciles***. Necroescritura y desapropiación. México, Tusquets, 2013
- Todorov, Tzvetan. ***A Literatura em perigo***. Trad. de Caio Meira. Rio de Janeiro, Difel, 2010.



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
Departamento de Letras Modernas

Atividades de Estágio (Espanhol)
Prof. Dr. Pablo Gasparini

Exercício de leitura literária comparada (vernácua/hispânica) para o ensino médio brasileiro:

Texto colonial latinoamericano e o passado em conflito: renarrar, reinterpretar e reconstruir a memória.

JÉSSICA CRISTIANI LINHARES
Nº USP: 10323718

Dezembro de 2020
São Paulo

BLOCO 1: Leitura e discussão de textos disparadores

(1)

Durante uma verdadeira pesquisa psico-sociológica concebida segundo os princípios mais modernos, submeteram-se os colonos a um questionário destinado a saber se, na sua opinião, os índios eram ou não "capazes de viver por si mesmos, como os camponeses de Castela". Todas as respostas foram negativas: "A rigor, talvez, seus netos; ainda assim, os indígenas são tão profundamente viciosos que a dúvida é cabível, eis a prova: eles fogem dos espanhóis, recusam trabalhar sem remuneração, mas levam a perversidade ao ponto de fazer presente dos seus bens; (...) E como conclusão unanime: "É melhor para os índios tornarem-se homens escravos do que continuarem animais livres..." (...) "eles comem carne humana, não tem justiça; andam nus, comem pulgas, aranhas e vermes crus... eles não têm barba e, se por acaso ela cresce, apressam-se em depilar-se" (...)

No mesmo momento, de resto, e numa ilha vizinha (Porto Rico, segundo o testemunho de Oviedo), os índios cuidavam de capturar os brancos e fazê-los perecer por imersão, depois montavam guarda durante semanas em torno dos afogados, a fim de saber se eram ou não sujeitos à putrefação. Dessa comparação entre os inqueritos, tiram-se duas conclusões: os brancos invocavam as ciências sociais, enquanto os índios tinham antes confiança nas ciências naturais; e, enquanto os brancos proclamavam que os índios eram animais, os segundos se contentavam com desconfiar que os primeiros eram deuses. Em igualdade de ignorância, o último procedimento era certamente mais digno de homens.

Tristes Trópicos, C. Levi-Straus (1957)

(2)



Eu espero não agredir com a minha manifestação o protocolo desta casa. Mas eu acredito que os senhores não poderão ficar omissos, os senhores não terão como ficar alheios a mais essa agressão movida pelo poder econômico, pela ganância, pela ignorância do que significa ser um povo indígena. Povo indígena tem um jeito de pensar, tem um jeito de viver. Tem condições fundamentais para sua existência e para a manifestação da sua tradição, da sua vida e da sua cultura que não coloca em risco e nunca colocaram a existência sequer dos animais que vivem ao redor das áreas indígenas, quanto mais de outros seres humanos. Eu creio que nenhum dos senhores nunca poderia apontar atos, atitudes da gente indígena do Brasil que colocaram em risco seja a vida, seja o patrimônio de qualquer pessoa, de qualquer grupo humano nesse país. E hoje nós somos alvo de uma agressão que pretende atingir na essência a nossa fé, a nossa confiança de que ainda existe dignidade, de que ainda é possível construir uma sociedade que sabe respeitar os mais fracos, que sabe respeitar aqueles que não têm o dinheiro para manter uma campanha incessante de difamação. Que saiba respeitar um povo que sempre viveu à revelia de todas as riquezas. Um povo que habita casas cobertas de palha, que dorme em esteiras no chão, não deve ser identificado de jeito nenhum como um povo que é inimigo dos interesses do Brasil, inimigo dos interesses da nação, e que coloca em risco qualquer desenvolvimento. O povo indígena tem regado com sangue cada hectare dos oito milhões de quilômetros quadrados do Brasil. E os senhores são testemunha disso. Eu agradeço a presidência desta casa, agradeço os senhores e espero não ter agredido com as minhas palavras os sentimentos dos senhores que se encontram nesta casa.

Transcrição da fala de Ailton Krenak (escritor, filósofo, ambientalista e líder indígena) na Assembléia Constituinte de 1987.¹

¹ Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=kWMHiwdbM_Q Fonte: Índio Cidadão?, 2014) Acessado em 09 de dezembro de 2020.

PARA DISCUTIR COM PROFESSORES:

- A partir do texto 1, o que se pode dizer sobre a forma como os europeus enxergavam aos nativos e os nativos aos europeus nos primeiros contatos entre essas diferentes culturas?
- O que os indígenas procuravam saber sobre os europeus por meio da putrefação? O que isso mostra sobre seus modos de entender o mundo?
- Por que o narrador associa as ciências naturais aos povos nativos e as ciências sociais aos europeus?
- A partir dos elementos do texto, é possível imaginar quem seria o autor de Tristes Tópicos? Isto é, é possível supor de onde ele é e a qual grupo étnico ele pertence? Qual o percurso imaginativo que nos leva a essa resposta?
- Enquanto os europeus tinham uma visão animalizada dos indígenas e buscavam saber se eles tinham alma, os indígenas buscavam entender qual era a corporalidade dos europeus. Qual a opinião do Levi-Strauss a respeito dessas diferentes visões de mundo?
- Quais as diferenças contextos históricos do texto 1 e 2?²
- O que Ailton Krenak reivindica na sua fala?
- Vestido com roupa social, Ailton Krenak faz a sua fala pintando o rosto. Como podemos entender essa manifestação?
- Krenak fala de uma “agressão movida (...) pela ignorância do que significa ser um povo indígena”. Como podemos relacionar essa fala com as falas do primeiro texto acerca dos povos indígenas?
- Por que Ailton Krenak reitera o fato de que as atitudes dos indígenas não colocam em risco nenhuma vida e a que outras posições ele quer se contrapor com essa fala?
- “Povo indígena tem um jeito de pensar, tem um jeito de viver. Tem condições fundamentais para sua existência e para a manifestação da sua tradição, da sua vida e da sua cultura”. O que você conhece de cultura, tradição e formas de pensamento indígena?

² Aqui a ideia é direcionar os estudantes a debaterem o contexto histórico, político e linguístico de enunciação dos textos. O canal de comunicação do segundo texto é a fala. Uma fala inserida num lugar que é historicamente ocupado por brancos (o mundo da política).

Narrativas do contato: europeus e povos nativos

texto 1:

Carta a Pero Vaz de Caminha

Dirigida a Dom Manuel I - Rei de Portugal

Leia os trechos retirados da Carta:

1.

Senhor:

Posto que o Capitão-mor desta vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a nova do achamento desta vossa terra nova, que ora nesta navegação se achou, não deixarei também de dar disso minha conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder, ainda que — para o bem contar e falar — o saiba pior que todos fazer.

Tome Vossa Alteza, porém, minha ignorância por boa vontade, e creia bem por certo que, para aformosear nem afeiar, não porei aqui mais do que aquilo que vi e me pareceu.

(...) topamos alguns sinais de terra, os quais eram muita quantidade de ervas compridas, a que os mareantes chamam botelho, assim como outras a que dão o nome de rabo-de-asno. E quarta-feira seguinte, pela manhã, topamos aves a que chamam fura-buxos. Neste dia, a horas de véspera, havemos vista de terra! Primeiramente dum grande monte, mui alto e redondo; e doutras serras mais baixas ao sul dele; e de terra chã, com grandes arvoredos: ao monte alto o capitão pôs nome – o Monte Pascoal e à terra – a Terra da Vera Cruz. Mandou lançar o prumo. (...) Ali permanecemos toda aquela noite. E à quinta-feira, pela manhã, fizemos vela e seguimos em diretos à terra, indo os navios pequenos diante, por dezessete, dezesseis, quinze, catorze, treze, doze, dez e nove braças, até meia légua da terra, onde todos lançamos âncoras em frente à boca de um rio. E chegaríamos a esta ancoragem às dez horas pouco **mais ou menos**. (...) E tanto que ele começou de ir para lá, acudiram pela praia homens, **quando aos dois, quando aos três**, de maneira que, ao chegar o batel à boca do rio, já ali havia **dezoito ou vinte homens. Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Nas mãos traziam arcos com suas setas. Vinham todos rijos sobre o batel; e Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os pousaram**. Ali não pôde deles haver fala, nem entendimento de proveito, por o mar quebrar na costa.

2.

Ao domingo de Pascoela pela manhã, determinou o Capitão de ir ouvir missa e pregação naquele ilhéu. Mandou a todos os capitães que se aprestassem nos batéis e fossem com ele. E assim foi feito. (...) Ali era com o Capitão a bandeira de Cristo, com que saiu de Belém, a qual esteve sempre levantada, da parte do Evangelho. Acabada a missa, desvestiu-se o padre e subiu a uma cadeira alta; e nós todos lançados por essa areia. E pregou uma solene e proveitosa pregação da história do Evangelho, ao fim da qual **tratou da nossa vinda e do**

achamento desta terra, conformando-se com o sinal da Cruz, sob cuja obediência viemos, o que foi muito a propósito e fez muita devoção. Enquanto estivemos à missa e à pregação, seria na praia outra tanta gente, pouco mais ou menos como a de ontem, com seus arcos e setas, a qual andava folgando. E olhando-nos, sentaram-se. E, depois de acabada a missa, assentados nós à pregação, levantaram-se muitos deles, tangeram corno ou buzina, e começaram a saltar e dançar um pedaço.

3.

Traziam alguns deles arcos e setas, que todos trocaram por carapuças ou por qualquer coisa que lhes davam. Comiam conosco do que lhes dávamos. Bebiam alguns deles vinho; outros o não podiam beber. Mas parece-me, que se lho avezarem, o beberão de boa vontade. Andavam todos tão dispostos, tão bem-feitos e galantes com suas tinturas, que pareciam bem. Acarretavam dessa lenha, quanta podiam, com mui boa vontade, e levavam-na aos batéis. **Andavam já mais mansos e seguros entre nós, do que nós andávamos entre eles.**

4.

Quando saímos do batel, disse o Capitão que seria bom irmos direitos à Cruz, que estava encostada a uma árvore, junto com o rio, para se erguer amanhã, que é sexta-feira, e que **nos puséssemos todos de joelhos e a beijássemos para eles verem o acatamento que lhe tínhamos. E assim fizemos. A esses dez ou doze que aí estavam, acenaram-lhe que fizessem assim, e foram logo todos beijá-la. Parece-me gente de tal inocência que, se homem os entendesse e eles a nós, seriam logo cristãos, porque eles, segundo parece, não têm, nem entendem em nenhuma crença. E portanto, se os degredados, que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa intenção de Vossa Alteza, se hão de fazer cristãos e crer em nossa santa fé, à qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque, certo, esta gente é boa e de boa simplicidade. E imprimir-se-á ligeiramente neles qualquer cunho, que lhes quiserem dar.** (...) Eles não lavram, nem criam. Não há aqui boi, nem vaca, nem cabra, nem ovelha, nem galinha, nem qualquer outra alimária, que costumada seja ao viver dos homens. Nem comem senão desse inhame, que aqui há muito, e dessa semente e frutos, que a terra e as árvores de si lançam. **E com isto andam tais e tão rijos e tão nédios, que o não somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos.** Neste dia, enquanto ali andaram, **dançaram e bailaram sempre com os nossos, ao som dum tamboril dos nossos, em maneira que são muito mais nossos amigos que nós seus.**

Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque, a estender olhos, não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia muito longa. Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados como os de Entre Douro e Minho, porque neste tempo de agora os achávamos como os de lá. Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem. **Porém o melhor fruto, que nela se pode fazer, me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar.** E que aí não houvesse mais que ter aqui esta pousada para esta navegação de Calecute, bastaria. Quando mais disposição para se nela cumprir **e fazer o que Vossa Alteza tanto deseja**, a saber, acrescentamento da nossa santa fé. E nesta maneira, Senhor, dou aqui a Vossa Alteza do que nesta vossa terra vi. E, se algum pouco me alonguei, Ela me perdoe, que o desejo que tinha, de Vos tudo dizer, mo fez assim pôr pelo miúdo.

EXERCÍCIO

O texto que acabamos de ler se trata do primeiro documento formal sobre a colonização do Brasil. O objetivo da carta é relatar ao rei de Portugal a experiência da chegada e dos primeiros contatos entre portugueses e nativos. Para isso, o autor narra, descreve e tenta contemplar com detalhes o território e a gente que ali se encontra, se valendo de definições e comparações acerca do que considera abundante, fértil, exótico, diferente.

Embora se trate de um documento histórico, é importante se atentar ao fato de que todos estes recursos textuais (a narrativa, a descrição, as definições e comparações) são mobilizados para o convencimento, isto é, para que o rei tenha uma ideia positiva da viagem, da chegada e do encontro, e chegue à conclusão de que vale a pena habitar e explorar aquela terra.

Responda ao que se pede levando em conta o interlocutor e as estratégias narrativas mobilizadas pelo escrivão:

- 1. O relato de Pero Vaz não se dá de forma completamente precisa. Diante disso, encontre no texto elementos que expressam:**
 - a) marcas de incertezas
 - b) intenção de objetividade e clareza
- 2. O autor indica sua reverência para com a figura do rei, tratado respeitosamente como “Vossa Alteza” e “Senhor”. Por que a linguagem empregada para tratamento do interlocutor é importante?**
- 3. No trecho 1 o autor se compromete em relatar os fatos com veracidade e ao mesmo tempo deixa explícita certa insegurança no “bem contar e falar”. Sabendo que não há resposta errada para esta pergunta, pensando através de uma retórica da descoberta, argumente: a Carta de Pero Vaz de Caminha deve ser lido como um documento histórico ou como um texto literário?**

texto 2:

Primera Carta de Cristóbal Colón

Dirigida a Luis de Santángel - financista de Colón e escrivão de Razão

1.

Cuando yo llegué a la Juana, seguí yo la costa de ella al poniente, y la fallé tan grande que pensé que sería tierra firme, la provincia de Catayo. Y como no hallé así villas y lugares en la costa de la mar, salvo pequeñas poblaciones, con la gente de las cuales no podía haber habla, porque luego huían todos, andaba yo adelante por el dicho camino, pensando de no errar grandes ciudades o villas; (...)

(...) La gente de esta isla y de todas las otras que he hallado y he habido noticia, andan todos desnudos, hombres y mujeres, así como sus madres los paren, aunque algunas mujeres se cobijan un solo lugar con una hoja de hierba o una cofia de algodón que para ellos hacen. Ellos no tienen hierro, ni acero, ni armas, ni son para ello, no porque no sea gente bien dispuesta y de hermosa estatura, salvo que son muy temeroso a maravilla. No tienen otras armas salvo las armas de las cañas, cuando están con la simiente, a la cual ponen al cabo un palillo agudo; y no osan usar de aquellas; que muchas veces me ha acaecido enviar a tierra dos o tres hombres a alguna villa, para haber habla, y salir a ellos de ellos sin número; y después que los veían llegar huían, a no aguardar padre a hijo; y esto no porque a ninguno se haya hecho mal, antes, a todo cabo adonde yo haya estado y podido haber fabla, les he dado de todo lo que tenía, así paño como otras cosas muchas, sin recibir por ello cosa alguna; mas son así temerosos sin remedio. Verdad es que, después que se aseguran y pierden este miedo, ellos son tanto sin engaño y tan liberales de lo que tienen, que no lo creería sino el que lo viese. **Ellos de cosa que tengan, pidiédosela, jamás dicen de no; antes, convidan la persona con ello, y muestran tanto amor que darían los corazones,** y, quieren sea cosa de valor, quien sea de poco precio, luego por cualquiera cosica, de cualquiera manera que sea que se le dé, por ello se van contentos. Yo defendí que no se les diesen cosas tan civiles como pedazos de escudillas rotas, y pedazos de vidrio roto, y cabos de agujetas aunque, cuando ellos esto podían llegar, les parecía haber la mejor joya del mundo; que se acertó haber un marinero, por una agujeta, de oro peso de dos castellanos y medio; y otros, de otras cosas que muy menos valían, mucho más; ya por blancas nuevas daban por ellas todo cuanto tenían, aunque fuesen dos ni tres castellanos de oro, o una arroba o dos de algodón hilado. Hasta los pedazos de los arcos rotos, de las pipas tomaban, y daban lo que tenían como bestias; así que me pareció mal, y yo lo defendí, y daba yo gracias mil cosas buenas, que yo llevaba, **porque tomen amor, y allende de esto se hagan cristianos, y se inclinen al amor y servicio de Sus Altezas y de toda la nación castellana, y procuren de ayuntar y nos dar de las cosas que tienen en abundancia, que nos son necesarias.** Y no conocían ninguna seta ni idolatría salvo que todos creen que las fuerzas y el bien es en el cielo, y creían muy firme que yo con estos navíos y gente venía del cielo, y en tal catamiento me recibían en todo cabo, después de

haber perdido el miedo. Y esto no procede porque sean ignorantes, y salvo de muy sutil ingenio y hombres que navegan todas aquellas mares, que es maravilla la buena cuenta que ellos dan que de todo; salvo porque nunca vieron gente vestida ni semejantes navíos.

Y luego que llegué a Indias, en la primera isla que hallé tomé por fuerza algunos de ellos, para que deprendiesen y me diesen noticia de lo que había en aquellas partes, así fue que luego entendieron, y nos a ellos, cuando por lengua o señas; y estos han aprovechado mucho. Hoy en día los traigo que **siempre están de propósito que vengo del cielo**, por mucha conversación que hayan habido conmigo; y éstos eran los primeros a pronunciarlo adonde yo llegaba, y los otros andaban corriendo de casa en casa y a las villas cercanas con voces altas: **venid, venid a ver la gente del cielo**; así, todos, hombres como mujeres, después de haber el corazón seguro de nos, venían que no quedaban grande ni pequeño, y todos traían algo de comer y de beber, que daban con un amor maravilloso. (...)

2.

En todas estas islas no vi mucha diversidad de la hechura de la gente, ni en las costumbres ni en la lengua; salvo que todos se entienden, que es cosa muy singular **para lo que espero que determinaran Sus Altezas para la conversión de ellos a nuestra santa fe, a la cual son muy dispuestos.**

(...)

he tomado posesión de una villa grande, a la cual puse nombre la villa de Navidad; y en ella he hecho fuerza y fortaleza, que ya a estas horas estará del todo acabada, y he dejado en ella gente que abasta para semejante hecho, con armas y artillerías y vituallas por más de un año, y fusta, y maestro de la mar en todas artes para hacer otras, y grande amistad con el rey de aquella tierra, en tanto grado, que se preciaba de me llamar y tener por hermano, y, **aunque le mudase la voluntad a ofender esta gente, él ni los suyos no saben que sean armas, y andan desnudos, como ya he dicho, y son los más temerosos que hay en el mundo**; así que solamente la gente que allá queda es para destruir toda aquella tierra; y es isla sin peligros de sus personas, sabiéndose regir.

En todas estas islas me parece que todos los hombres sean contentos con una mujer, y a su mayoral o rey dan hasta veinte. Las mujeres me parece que trabajan más que los hombres. Ni he podido entender si tienen bienes propios; que me pareció ver que aquello que uno tenía todos hacían parte, en especial de las cosas comederas.

En estas islas hasta aquí no he hallado hombres monstruosos, como muchos pensaban, mas antes es toda gente de muy lindo acatamiento, ni son negros como en Guinea, salvo con sus cabellos correndíos, y no se crían adonde hay ímpeto demasiado de los rayos solares; es verdad que el sol tiene allí gran fuerza, puesto que es distante de la línea

equinoccial veinte y seis grados. En estas islas, adonde hay montañas grandes, allí tenía fuerza el frío este invierno; mas ellos lo sufren por la costumbre, y con la ayuda de las viandas que comen con especias muchas y muy calientes en demasía.

3.

Así que monstruos no he hallado, ni noticia, salvo de una isla Quaris, la segunda a la entrada de las Indias, que es poblada de una gente que tienen en todas las islas por muy feroces, los cuales comen carne humana. Estos tienen muchas canoas, con las cuales corren todas las islas de India, y roban y toman cuanto pueden; ellos no son más deformes que los otros, salvo que tienen costumbre de traer los cabellos largos como mujeres, y usan arcos y flechas de las mismas armas de cañas, con un palillo al cabo, por defecto de hierro que no tienen. Son feroces entre estos otros pueblos que son en demasiado grado cobardes, mas yo no los tengo en nada más que a los otros. Estos son aquéllos que tratan con las mujeres de Martinino, que es la primera isla, partiendo de España para las Indias, que se halla en la cual no hay hombre ninguno. Ellas no usan ejercicio femenino, salvo arcos y flechas, como los sobredichos, de cañas, y se arman y cobijan con launes de arambre, de que tienen mucho.

Otra isla hay, me aseguran mayor que la Española, en que las personas no tienen ningún cabello. En ésta hay oro sin cuento, y de ésta y de las otras traigo conmigo Indios para testimonio. (...)

EXERCÍCIO

1. Diferentemente de Caminha, cuja função na armada de Pedro Álvares Cabral era a de escrivão, a missão de Cristóbal Colón era de liderança. Comparando a primeira e a segunda carta, explique como as diferenças nos cargos de quem escreve (e considerando a quem dirigem-se) influenciam o texto e as estratégias narrativas.
2. Nas duas cartas há um "eu" e um "outro". Quais semelhanças e diferenças você identifica entre eles?³

Releia os excertos:

"Parece-me gente de tal inocência que, se homem os entendesse e eles a nós, seriam logo cristãos, porque eles, segundo parece, não têm, nem entendem em nenhuma crença."

Pero Vaz de Caminha

"traigo que siempre están de propósito que vengo del cielo, por mucha conversación que hayan habido conmigo; y éstos eran los primeros a pronunciarlo adonde yo llegaba, y los otros andaban corriendo de casa en casa y a las villas cercanas con voces altas: venid, venid a ver la gente del cielo;"

Cristóbal Colón

Responda:

3. Como o cristianismo influencia a compreensão acerca da religiosidade dos nativos?

³ A ideia aqui é fazer ver que os indígenas são sempre a terceira pessoa nos dois textos. É possível orientar o estudante a perceber momentos no texto em que os indígenas são relatados como "amigos", "boa gente"... enquanto em outros momentos são animalizados. Fazer ver momentos em que a comparação é sempre em detrimento de uma certeza de si e da sua cultura ("*E com isto andam tais e tão rijos e tão nédios, que o não somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos.*") enquanto que nos indígenas há uma desconfiança do outro, uma dúvida ("*siempre están de propósito que vengo del cielo*").

BLOCO 3: Leitura e discussão de textos sensibilizadores para o exercício de reescrita literária

(1)

“A escrita não é o saber, a escrita é a fotografia do saber. Saber é algo que está em nós.”

Amadou Hampâté Bâ, sobre tradição oral.

(2)

Para povos que são de origem sem escrita, de tradição oral, fazer uma travessia para esse mundo da escrita, só isso já é um épico. E ele deve ocultar trilhas insondáveis de alienação dessas identidades até chegar nesse patamar da escrita e lidar com o recurso da escrita com familiaridade. É bom não esquecer que os jesuítas vieram para cá para botar escolas e catequizar os índios e ensiná-los a ler e escrever. Enquanto os índios puderam resistir, não aprenderam nem a ler e escrever. Então, seria interessante a gente investigar se quando os índios estão lendo e escrevendo eles já se renderam, ou ainda estão resistindo.⁴

Ailton Krenak (2016)

(3)

Arauco tiene una pena⁵

Violeta Parra

/.../ Un día llega de lejos
Huescufo conquistador,
buscando montañas de oro,
que el indio nunca buscó,
al indio le basta el oro
que le relumbra del sol.
Levántate, Curimón

Entonces corre la sangre,
no sabe el indio qué hacer,
le van a quitar su tierra,
la tiene que defender,
el indio se cae muerto,
y el afuerino de pie.
Levántate, Manquilef.

⁴ Em entrevista no canal Itaú “Ailton Krenak - culturas indígenas (2016)”. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=LEw7n-v6gZA>. Acesso: 09/12/2020

⁵ Canção de 1960 disponível em https://youtu.be/oiHWgl1M_FU. Acesso: 09/12/2020

/.../ Del año mil cuatrocientos
que el indio afligido está,
a la sombra de su ruca
lo pueden ver lloriquear,
total de cinco siglos
nunca se habrá de secar.
Levántate, Callupán.

Arauco tiene una pena
más negra que su chamal,
ya no son los españoles
los que los hacen llorar,
hoy son los propios chilenos
los que les quitan su pan.
Levántate, Pailahuán./.../

EXERCÍCIO DE REESCRITA LITERÁRIA

Sabemos muito pouco sobre o que os nativos pensaram e sentiram no século XVI com a chegada dos europeus. As cartas que lemos formularam a base de nossa História, mas numa vertente que interpreta o passado segundo os valores de quem as escreveu. Você já deve ter ouvido falar sobre "descobrimento" do Brasil e "conquista" da América. Mas será que essas ideias são as melhores para definir os fatos?

Até aqui vimos que essas ideias não incluem a perspectiva dos indígenas sobre a colonização. Então, para pensar para além de um único ponto de vista, precisamos estabelecer diferentes pontos de vista e ampliar nossas referências pelas quais os acontecimentos históricos são interpretados.

Se os povos nativos pudessem relatar, a seu modo, a chegada dos colonizadores (tal qual Pero Vaz de Caminha e Cristóbal Colón), o que eles diriam? Que canal usariam para contar essa história?

Para respondermos a essa pergunta, a literatura pode ajudar:

Escolha uma das cartas lidas e elabore a partir delas um texto narrativo ficcional sobre a chegada dos europeus, mas dessa vez, sob o ponto de vista dos povos originários.

Lembre-se: você está diante de um desafio imaginativo que exige bastante de nossa sensibilidade e, sobretudo, do nosso cuidado e respeito para com o outro.

BIBLIOGRAFIA

Ginzburg, Jaime. *A perspectiva do colonizador: notas sobre a carta de Pero Vaz de Caminha*. Revista Literatura em Debate, v. 4, n. 6, p. 271-275. 2010.

Levi-Strauss, Claude. *Tristes Tópicos*. Editora Anhembi. São Paulo. 1957.

Rivera Garza, Cristina. *Había mucha neblina o humo o no sé qué*. Buenos Aires, Literatura Random House, 2017.

_____. “Desapropiadamente: escribir entre/para los muertos” em *Los muertos indóciles*. Necroescritura y desapropiación. México, Tusquets, 2013

Todorov, Tzvetan. *A Literatura em perigo*. Trad. de Caio Meira. Rio de Janeiro, Difel, 2010.